

O processo de gramaticalização do item *agora* na língua falada e escrita

Fabiana Vieira Barbosa¹
José Hilton Silva Dantas²

RESUMO

Neste trabalho, analisamos, numa abordagem da Linguística Funcional do item lexical *agora* em dados de língua falada e escrita. Por acreditarmos que a *agora* é algo dinâmico e adaptável as necessidades comunicativas dos falantes, partimos da hipótese de que o *agora* esteja assumindo uso para além daqueles postulados pela gramática do português. Para isso, adotamos o aporte teórico da gramaticalização, o qual prevê que item lexicais migrem para a gramática exercendo funções sintáticas, semânticas e pragmáticas distintas a depender dos contextos e gêneros textuais diferentes. Para as nossas análises, selecionamos os dados do corpus publicado pelo grupo de pesquisa D&G “A língua falada e escrita na da cidade de Natal (1998)”. Nossos resultados mostraram que contrariando a visão da gramática tradicional, a qual coloca o *agora* apenas como advérbio de tempo, o item *agora* apresentou multifuncionalidades de uso, principalmente na modalidade oral.

Palavras-chave: Funcionalismo, gramaticalização, item lexical *agora*, mudança linguística.

INTRODUÇÃO

Adotamos os postulados da teoria funcionalista norte-americana, considerando a mudança linguística via gramaticalização do item *agora* na fala e escrita da cidade de Natal. Para acreditarmos na multifuncionalidade do circunstanciador *agora*, apoiamo-nos na concepção de uma gramática que emerge do discurso e, por isso, possibilita que formas se adaptem segunda as funções que exercem e, sendo assim, as construções gramaticais só podem ser explicadas e analisadas segundo essas funções.

Ao pesquisar os advérbios, em especial os que delimitam tempo, é possível perceber que as gramáticas normativas do português brasileiro, pouco revelam sobre a função do advérbio *agora* em contextos de uso e, que na maioria das vezes, o item é apenas apontado como advérbio de valor temporal. A exemplo disso, podemos referir-nos a BECHARA 2000 (p. 288) que ao conceituar os advérbios, incluindo o *agora*, diz que: “fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração.

Da mesma forma que Bechara (2000), Azeredo (2008, p. 193) postula que os advérbios *agora*, *antes*, *depois* e *então* fazem parte de um subgrupo dos advérbios de tempo que referem-se a uma ocasião arbitrária, reconhecível pelos interlocutores relativamente ao momento da enunciação ou a um ponto de referência instituído no próprio discurso ou texto. O autor ainda afirma que o advérbio *agora* além de corresponder ao momento do ato enunciativo, pode

¹ Professora efetiva no Estado da Paraíba, licenciada em Letras (português/Inglês) pela UFRPE/UAST, fabiana.letra@gmail.com;

² Professor efetiva no Estado da Paraíba.

expressar, nos intervalos de tempo recortados, as formas compatíveis a do pretérito perfeito e futuro, como podemos perceber nos exemplos descritos: (1) Ele chegou *agora*; (2) Ele chegará *agora*; (3) Ele chegaria *agora*.

Esses exemplos e outros explícitos em várias gramáticas como as de Lima (1980) e Cunha e Cintra (1989) também classificam a expressão em análise como advérbio temporal. Com exceção de Bechara (2000), nenhum outro autor assegura o uso o *agora* como uma expressão conjuntiva. Em Azeredo (2008), encontramos a título de observação, a afirmação que alguns advérbios servem para marcar a circunstância, incluindo o *agora*, combinados e antecidos pelo transpositor “que”. Esses grupos de palavras formam o que a gramática tradicional chama de locuções conjuntivas adverbiais, as quais, a rigor, funcionam por hipótese, como conjunções.

Como podemos perceber ainda não existe, na gramática tradicional, uma exploração do item *agora* como conjunção ou ainda um pouco tímida. Nesses compêndios, deixam de fora das reflexões sobre a língua os diversos recursos linguísticos, os quais fazem parte do repertório lexical, que o falante utiliza para expressar significados em vários contextos de uso. Com esse trabalho, **objetivamos** fazer uma análise do item *agora* e de sua multifuncionalidade dentro da língua exercida e proliferada nos diversos contextos de usos desse item lexical.

METODOLOGIA

O advérbio *agora* foi investigado nos dados que compõe Corpus D&G, coletados na cidade de Natal – RN, o *corpus* é composto por depoimentos de 20 informantes. Cada um destes produziu cinco tipos distintos de textos orais e, a partir destes, cinco textos escritos, para assim garantir a comparabilidade entre os canais falado e escrito, o que totaliza 200 registros.

Para a análise das funções que o *agora* em processo de gramaticalização pode ocupar na língua portuguesa, procuramos distinguir dois modelos do item *agora*: o *agora 1* que desempenha a função lexical na Língua, tal como advérbio de tempo ou termo acessório do verbo no tempo presente e o *agora 2*, que desempenha a função gramatical e semântica, quando esse mesmo item da Língua passa a funcionar com *advérbio temporal* (marcador de tempo em sintagmas verbais do tempo passado e futuro), *marcador discursivo e conector (conjunção)*. Para o tratamento dos dados, utilizamos a ferramenta localizadora do *Word* software do *Microsoft Office*. Com a ferramenta foi possível encontrar cerca de 139 ocorrências do item *agora*. De acordo com a Tabela 1, as ocorrências do *agora* foram mais frequentes na modalidade oral. Como veremos na tabela de classificação da quantidade do item *agora* por gênero, foram 130 ocorrências em texto orais e 9 ocorrências em textos escritos.

Tabela 1: Dados de acordo com a modalidade de língua.

Gênero textual	Modalidade escrita	Modalidade oral
1-Narrativa de experiência pessoal	0	30
2 - Narrativa recontada	3	27
3 - Descrição de local	1	18
4-Relato de procedimento	4	29
5 - Relato de opinião	1	26
Total	9	130

A partir das funções encontradas em contextos de usos do *agora*, identificamos 56.8% dos usos desse item ainda são na função de marcador temporal auxiliando o aspecto verbal, enquanto que 43.1% dos usos encontrados exercem várias funções como marcador discursivo e conjunção adversativa como mostra o Gráfico 1.

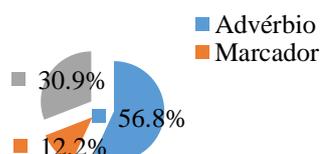


Gráfico 1: Gráfico das ocorrências encontradas no *corpus*.

Agora como Advérbio temporal

De acordo com a pesquisa de Oliveira (2009), o item *agora* na fala segue proporção já observadas em outros elementos de funções semelhantes, registrando um percurso de migração entre os aspectos temporais e chega ao nível discursivo. Os dados retirados do *corpus* Discurso & Gramática da cidade de Natal – RN comprovam a ampliação semântica-lexical desse fenômeno. Os primeiros fragmentos colhidos mostram que mesmo dentro da classe de advérbio, o termo *agora* assume outros valores temporais. Vejamos os exemplos:

(1) *se preocupar mais em jogar futebol do que em ganhar dinheiro né? como já aconteceu agora com ... com Careca eu acho que ele pediu dispensa né? pediu pra sair ... pediu pra sair e ... todo mundo sabe ... (D&G, oral, p.16)*

(2) *Carlos ... agora você vai me ... você disse que queria des/ é:: relatar um procedimento ... você disse que ... a ... que gosta de cozinhar e que (D&G, oral, p.27)*

No exemplo (1) e (2) observa-se que, mesmo identificado em algumas gramáticas que o item em destaque é um advérbio de tempo que marca presente, podemos notar dois usos diferentes. No primeiro exemplo, a expressão *agora* marca passado, como demonstra o verbo

“aconteceu” e o segundo caso o *agora* assume um valor temporal com mais referência futura. Observe-se que o termo faz parceria na frase *vou ficar*, marca de futuro, contribuindo semanticamente para que o *agora* aponte para uma direção potencialmente indicadora de futuro, mesmo que parta do período presente pelas marcas no discurso.

Portanto, podemos notar nos dados que o *agora* mesmo na posição de marcador temporal, ele exerce uma mobilidade no discurso, não delimitando assim um espaço de tempo delimitado como está transcrito em algumas gramáticas, podendo abranger construções sintáticas que estejam no passado, presente e futuro. Esses diferentes usos evidenciam o surgimento do processo de gramaticalização que passa esse item.

Agora como marcador discursivo

Tendo a discursividade como uma interação entre os participantes do discurso e o discurso, sem necessariamente relacionar elementos gramaticais, sendo assim contemplando um vasto campo de atuação, percebemos então nas análises do *corpus* que o item *agora* faz uma organização textual adequando sentido entre o que está se enunciando e dando continuidade ao discurso.

Portanto, o item *agora* quando está na função de marcador, proporciona tanto ao discurso oral quanto ao escrito uma melhor linearidade. Para Traugott e Dasher (1995) *apud* Lyra (2007), revelam que o surgimento dos marcadores discursivos apresenta duas características que segundo a autora traduzem a essência da gramaticalização: o aumento da função pragmática e a intersubjetivação, configurando-se em mudanças semântico-pragmáticas dos itens lexicais. Portanto, considera que os marcadores discursivos se constituem na fase inicial de gramaticalização, por considerá-la um processo que leva ao fortalecimento pragmático.

Nossa análise partiu através dos pressupostos desenvolvidos por Marcuschi (1986), no livro *Análise da conversação*, no qual ele propõe que os marcadores devem obedecer a certos princípios comunicativos que devem estar presentes na interação entre sujeitos do discurso. Ele ressalta a importância dos sinais verbais utilizados pelos falantes para denominar esses marcadores, sinais como: orientar turno, preencher pausas, organizar o pensamento, monitorar o ouvinte, entre outras, ele também coloca que ao vê-lo no discurso gera a impressão de estarmos diante de “*um elemento descartável*”, que parece poder ser descartado na fala.

Nos textos analisados foram encontradas no total 17 ocorrências do *agora* como marcador discursivo, sendo que 11 foram na modalidade de língua oral e apenas 6 na modalidade escrita, como mostra a tabela abaixo.

Os exemplos (3), (4) ilustram o uso do *agora* como marcador discursivo nos gêneros orais. Na ocorrência (3) o dado tem a função de retomar algo dito anteriormente preenchendo um vazio que ocorre entre o antes e o depois e fazendo com que os atuantes do discurso não percam o fluxo de fala.

(3) Carlos ... agora você vai me ... você disse que queria des/ é:: relatar um procedimento ... você disse que ... a ... que gosta de cozinhar e que ... queria me contar uma:: receita né ... então ... como é esse relato de procedimento?

(4) agora ... quando você fala em Via Costeira ... você menciona mais o lado ... direito ... né? de quem vai (...)

No caso (5), o uso se revela na parte escrita do *corpus* como um marcador que topicaliza o passo a passo da receita que o informante escreve, dando essa ideia que vem do gênero receita culinária no modo de fazer.

(5) Sempre batendo, para a massa não grudar. Coloca-se o fermento desmanchado no leite e agora bate a massa a vontade até ela ficar cremosa. Agora leve a massa a uma forma que esteja untada com manteiga e polvilhada com trigo, dessa forma você não correrá o risco de a massa queimar.

Observa-se que, nesses casos que estão exemplificando a ocorrência de marcador discursivo, o item pode ser retirado sem nenhuma perda semântica ou sintática para o enunciado, bem como substituí algumas pausas e fluxos de linguagem, dando tempo para que o informante ou entrevistador não perca o fluxo de pensamento e fala. Esse critério leva-nos a crer que, nesses contextos, o *agora* assume a função de marcador para organizar o discurso oral (3) e (4) e escrito (5). Assim, por essas funções, o item *agora* parece seguir um processo de gramaticalização caracterizado pela trajetória (tempo) > texto e, ao observarmos suas ocorrências, o item "se distância de sua circunstância temporal propriamente canônica e vai diretamente para o texto. É no texto que esse elemento passa a assumir funções discursivo-pragmáticas tendendo estas a inserir informações novas", VIDAL; FIGUEIREDO E NETA (2015).

Agora como conjunção

Na grande parte do *corpus* analisada, equivalente a 43 ocorrências com a função não convencional do item *agora*, identificamos que os se enquadra na categoria gramatical de

conjunção, tendo o valor semântico nos enunciados de adversidade. Ela enlaça uma oração na outra, dando a ideia de contraste ou compensação. Vejamos o exemplo (6), extraído de Vidal; Figueiredo e Neta (2015):

(06) *“I: ... quanto à sala ... agora ... cadeira ... mesa ... esses negócios ... tudo bem organizado ... tudo bem novo e tudo ... agora ... as paredes eram sujas ...” (ISGDLPO, Corpus D&G, 1998, p. 193).*

Na amostra (06), o *agora* adversativo auxilia no estabelecimento da relação entre segmentos coordenados sem eliminar o elemento anterior, admite-o, mas, a ele se contrapõe. A partir dessa passagem, podemos parafrasear pela conjunção *mas* e, conseqüentemente, apresenta um contraste com o que foi dito antes.

Pela amostra reforça a explicitude da conjunção *mas*, o que aponta para uma trajetória de advérbio > conjunção fenômeno que já vem sendo estudado pelas linguísticas e através dos dados catalogados na modalidade falada, permite constatar a flexibilidade de uma função praticamente textual para uma função discursiva.

Com base em Ramos (2015), denominamos alguns critérios para a identificação de conjunção. Em base usaremos três critérios para identificação do item *agora* como conjunção: i) ser anteposto a verbo finito, onde a ação ela é concluída; ii) ser inversível, este critério diz respeito a mobilidade distribucional da oração e iii) ser um elemento externo a oração, ser apenas um item que conecta. (Cf. RAMOS, 2015).

No que diz respeito à relação de conjunção do item *agora* na ligação de partes do texto, estabelecendo uma construção lógica e encadeando as ideias dando um sentido de oposição, pode-se afirmar que esse item pode ser facilmente substituído, em alteração semântica, pela conjunção adversativa *mas*. Ao longo do *corpus* foram encontradas 43 ocorrências dessa variação.

(7) *são cinco tipos de narrativa ... nós vamos ter que trabalhar com os cinco tipos ... certo? então ... eu queria inclusive ... discutir com você ... agora você resolve ... a gente começa por qual tipo ... de narrativa ... os cinco tipos são (...)*

(8) *I: a informação é imediata ... agora ... uma coisa que me preocupa ... hoje em dia na TV ... é ... os programas infantis principalmente ... eu vejo que as crianças elas ... assistem e copiam esse modelos da TV né? (...)*

No exemplo (7), o entrevistador faz o uso do *agora*, desenvolve uma ideia com uma sequência de fatos e depois utiliza o termo estabelecendo uma nuance entre conector adversativo ou um conector alternativo. Podemos, ao reescrever o discurso, trocar o item em itálico pelas conjunções *ou* e *mas*. Esse contexto, registra um nível de gramaticalização mais

avanzado do item em que é utilizado como função discursiva e já não traz nenhuma característica do que diz as gramáticas tradicionais sobre advérbio temporais.

No excerto (8), o informante compartilha com o ouvinte ideias de que, de certa forma, se opõem à declaração inicial. Mostrando que pode ser substituída pelo a conjunção adversativa *mas*. Como podemos perceber os dois excertos, o termo atua em um contexto e logo após segue uma pausa no fluxo de fala, que é preenchida pelo dado com o sentido de oposição ao que foi dito anteriormente.

DESENVOLVIMENTO

A voz da etimologia e da gramática sobre o advérbio *agora*

Estudos anteriores sobre o item *agora* como VIDAL, FIGUEIREDO & NETA (2015), Souza Júnior (2005) e Rodrigues (2009) mostram que os gramáticos tradicionais, ainda o consideram como advérbio de tempo. Essa classificação advém de sua forma originária do latim da expressão *hac hōra*. No Dicionário Etimológico de Machado (1967. p. 1948), o item *agora* aparece classificado como “Agora, advérbio. Do lat. *hac hōrā*, ablativo”. Nascentes (1955), por sua vez, o classifica da seguinte forma: “Agora – Do lat. *hac hora*, nesta hora, esp. ant. *agora*. Cornu, Port, Spr., §§ 251-2, deriva de a + hora, de *ad horam*, com intercalação do g por motivo eufônico.”

Do ponto de vista da Tradição Gramatical, autores diversos classificam o item *agora* essencialmente como um advérbio. Na visão de Cunha (1986):

Advérbios são palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal e a adjetivos, para intensificar uma qualidade e que podem ser classificados de acordo com a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam”. (CUNHA, 1986. p. 499- 500).

Entre as classificações dos advérbios, o item linguístico em análise é classificado como um advérbio de tempo, nessa citação é possível percebemos que para Cunha e Cintra (2007; p. 557) “[...] O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo.” e considerado apenas um acessório que serve para ajudar a delimitar ou explicar uma ideia como a de tempo. Azeredo (1977), Bechara 2000 (p. 288) ao conceituar os advérbios, incluindo o *agora*, postula que: “fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração.

Em sua gramática de cunho mais descritivo-discursivo, Azeredo (2008, p. 193) defende que os advérbios *agora*, *antes*, *depois* e *então* fazem parte de um subgrupo dos advérbios de tempo que se referem a uma ocasião arbitrária, reconhecível pelos interlocutores relativamente ao momento da enunciação ou a um ponto de referência instituído no próprio discurso ou texto.

Além disso, o autor ainda afirma que o advérbio *agora* além de corresponder ao momento do ato enunciativo, pode expressar, nos intervalos de tempo recortados, as formas compatíveis a do pretérito perfeito e futuro, como podemos perceber nos exemplos descritos: (1) Ele chegou *agora*; (2) Ele chegará *agora*; (3) Ele chegaria *agora*. Nesta mesma obra, encontramos a título de observação, a afirmação que alguns advérbios servem para marcar a circunstância, incluindo o *agora*, combinados e antecidos pelo transpositor que formam o que a gramática tradicional chama de locuções conjuntivas adverbiais, as quais, a rigor, funcionam por hipotaxe, como conjunções.

Em Almeida (2005), encontramos citação que reconhece a expressão *agora* com a função de conjunção. Em sua obra Gramática Metódica do Português Brasileiro, o autor afirma que a partícula *agora*, antes tratada apenas como advérbio, também funciona como conjunção. Vejamos a citação:

‘*Agora*’ é forma derivada da locução latina *hac hora* (=nesta hora), e *ora* da palavra latina *hora*. Note-se que *hora*, com *h*, indica período de tempo de 60 minutos, ao passo que *ora* sem *h* (não obstante ter precedência igual à de *hora*)”, é advérbio, que não raro funciona como conjunção. Também o advérbio *agora* funciona como conjunção, quando repetido: *Agora* lhe pergunta pelas gentes. /De toda a Hispéria última, onde mora;/ *Agora* pelos povos seus vizinhos;/ *Agora* pelos úmidos caminhos. (ALMEIDA, 2005)

Em algumas abordagens de estudiosos funcionalistas revelam que o item *agora* acompanhado ou não de alguns outros itens lexicais podem desempenhar novas funções em discursos realizados por falantes da Língua. Nesse sentido, encontramos os estudos de Niedzieluk (2004) que identifica as funções do *agora* como *contrastivo*, *retomador*, *avaliativo* entre outras. Souza Júnior (2005) constatou o *agora* funcionando como um *juntivo* de *causalidade*, de *contrajunção* e de *contraste*. Philippsen (2011) inclui o *agora* em duas categorias a primeira, como *dêitico* e, a segunda, como *conector de sequencializador*, *perífrase conjuncional causal/explicativa* e *marcador discursivo*. Já, Rodrigues (2009) considera o circunstanciador linguístico/discursivo *agora* como *advérbio temporal* referindo-se ao *momento presente*, *referência ao passado* e *referência ao futuro* e ainda constata que esse item lexical desempenha a função de *opositor*, *concluidor* e *retomador de tópico*.

A mudança linguística e gramaticalização

Na década de 90, com essas novas descobertas feitas através deles e do estudo sobre a gramaticalização, pesquisadores como Martelotta publicaram que esses processos podem surgir de diferentes formas sociais, sendo assim, as línguas podem ser sensíveis a diferenças comportamentais dos indivíduos que as falam, podendo ser “formas variáveis de natureza

individual, social, regional, entre outras, que convivem em um mesmo momento do tempo, ou serem mudanças que se manifestam com sua evolução histórica” Martelotta (2011, p 15).

Assim o processo de mudança linguística é inevitável em qualquer língua que seja oralizada, pois eles são inerentes ao funcionamento básico da língua. Assim, como admite também Saussure, essas mudanças são primeiramente testadas na fala para somente depois ir para a escrita.

Tudo quanto seja diacrônico na língua não o é senão pela fala. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: Cada uma delas é lançada a princípio por um certo número de indivíduos, antes de entrar no uso.(...) Era um fato da fala; esta forma, frequentemente repetida e aceita pela comunidade, tornou-se um fato da língua. (SAUSSURE, 1975, p.115)

Givón (1995) *apud* Vidal (2015) afirma que a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida por referência a parâmetros de cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução. Portanto, deve-se estudar a relação entre ambos. É dentro do uso da língua, mais especificamente dos discursos e sob a influência de seus contextos, que a gramática emerge e muda, e que ocorrem as variações e as mudanças, fatores indispensáveis para a construção e reconstrução da gramática.

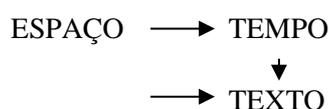
Um dos primeiros estudiosos a utilizar o termo gramaticalização foi Meillet (1912) *apud* Gonçalves (2007), para se referir a “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” apesar dessas noções já estarem presentes na linguística oriental do século X, com isso já se tinha referências anteriores, como as de Heine & Horne Tooke (1996) que afirmava que a língua é concreta em seu “estágio original” e itens abstratos derivam de itens concretos, sugerindo assim que a estrutura da língua estava em constante evolução (cf. GONÇALVES, p. 19-21). Outros autores como Traugott e Heine *et al* (1991) *apud* Gonçalves *et al* (2007; p. 23) definem o termo gramaticalização como:

um processo linguístico tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação, sendo que, em outros momentos, eram privilegiados um ou outro e nos estudos atuais acrescido por Givón *et al* (1979), como estudo pancrônico da estruturação gramatical.

Lehmann (1995 [1982] 11-12) *apud* Gonçalves *et al* (2007, p.22) assume a definição de que concebe a gramaticalização como um processo de morfologização que pode levar a mudança de estatuto de um item não somente lexical a gramatical, mas também do menos para o mais gramatical.

Hopper e Traugott (1993) *apud* Gonçalves (2008), na definição de unidirecionalidade, ressaltam que algumas particularidades dos contextos discursivos favorecem a gramaticalização. Esses autores afirmam que a escala [item lexical usados em contextos linguísticos específicos] > [sintaxe] > [morfologia] representa que itens lexicais que se tornam gramaticalizados cumprem, primeiramente, funções discursivas, tornando-se, em seguida, sintaticamente fixos, vindo a constituir um morfema. Esses autores postulam a unidirecionalidade basicamente como uma relação existente entre dois estágios A e B, enfatizando que A virá sempre antes de B, nunca o contrário.

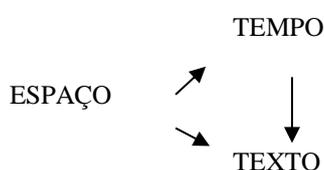
É relevante para este trabalho apresentar algumas trajetórias de mudança semântica que um elemento linguístico agora tenderia a sofrer até atingir o *status* de conectivo. Essa trajetória aconteceria através da metáfora espaço - tempo - texto.



Gorski *et al.* (2004) *apud* Silva *et al.* (2004, p. 28) descrevem o diagrama acima como a transição do mundo real (domínio do re) para o mundo do texto (domínio do dicto) de um item lexical. O percurso se daria do concreto para o abstrato. Assim, haveria um contínuo que pode ser descrito na trajetória espaço, tempo e texto. Tomemos como exemplo o item lexical *aí*.

- a) *Maria mora aí*
- b) *Chegou mais ou menos por aí pelas 3 horas*
- c) *O rapaz comprou a bicicleta aí falou para o vendedor que pagaria com cheque...*

O item lexical em (a), apresenta noção de espaço (lugar), seu sentido original dentro da língua, em (b), passa a ser usado na referência de tempo, e em (c) o item lexical *aí* passa a conectar orações, o termo passa da função de advérbio para a de conjunção. Outra forma de mudança semântica em que um elemento linguístico percorre para atingir o status de conectivo é o percurso proposto por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991, *apud* Martelotta, 2011, p. 99). A proposta dos autores é a metáfora espaço > discurso acrescida do elemento tempo. O argumento básico é igual ao que está subjacente à ideia da metáfora espaço > discurso. Os autores sugerem o seguinte trajeto dos itens lexicais:



Esses autores afirmam que a expressão de dados espaciais é mais básica e concreta do que a indicação das relações textuais. A metáfora pode ocorrer em função da extensão analógica do uso espacial do termo para valores temporais e textuais. Martelotta (2011) exemplifica este percurso:

- a) *aí toda parte da parede esguerdá... tem armário... depois vem o freezer... a geladeira... mais um armário...*
- b) *é uma anta completa... e totalmente desesperada/despreparado pra ser presidente... depois não tem o menor controle mais sobre a economia... a inflação voltou a aumentar...*

Em (a) o *depois* apresenta valor espacial, enquanto que (b) o item perde o valor sequencializador espaço/tempo e passa a assumir a função de argumento, passando a ter valor semelhante ao da construção *além disso* tratando-se neste caso de uso textual

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo sobre o item *agora* na fala e escrita de Natal demonstrou que está indo ao inverso do que coloca a visão tradicional sobre os advérbios, o *agora* apresentou na pesquisa funções e usos novos e que se manifesta em diferentes gêneros textuais e na modalidade oral quanto na modalidade escrita dos textos que compõem o *corpus* D&G. Esse trabalho teve como objetivo maior repensar os paradigmas clássicos, que atribuem a gramática em que o o advérbio, em singular o *agora* que só podem agir em uma determinada função, mas que ele vai além da função temporal, assumindo diversas funções no corpo textual.

Esse processo de gramaticalização para Traugott e Dasher (2005) apud Martelotta (2011), há uma tendência geral de os sentidos dos elementos linguísticos mudarem, caminhando na direção de uma subjetivização (aumento da expressividade consequente da perspectiva do emissor) e de uma intersubjetivização (em função de essa expressividade estar voltada para as expectativas do receptor), ou seja, o emissor ao se pronunciar leva o receptor a fazer inferências, buscando novos sentidos através de diversas estratégias de comunicação. Essa dinâmica de emissor e receptor fica clara no excerto abaixo onde o dado tem um valor semântico de oposição.

(8)(...)Zagalo e foi campeão né ... em setenta ... mas é isso aí ... se é a partir do momento que derem liberdade pro técnico escalar a seleção ... só ... vai a tendência é ... é melhorar e também ... também a ... por parte dos jogadores se houver mais vontade ... menos interesse pelo ... pelo dinheiro mas ... se ... se preocupar mais em jogar futebol do que em ganhar dinheiro né? como já aconteceu, agora com ...

com Careca eu acho que ele pediu dispensa né? pediu pra sair ... pediu pra sair e ... todo mundo sabe ... porque ele pediu pra sair ... porque ele já tem um bom contrato no Japão ... né? num vai ... num vai arriscar a cabeça ... só pra pertencer a essa seleção bagunçada aí ... se o interesse dele é em dinheiro ele ... já tá com bom (...)

Como mostra os exemplos da análise ele deixou o plano gramatical e passou a assumir funções discursivas, textuais. O item *agora* movimenta-se gradualmente exercendo essas variações de funções, as quais como afirma Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991, *apud* Martelotta, 2011, p. 99) em sua metáfora que toda partícula em processo de gramaticalização passa: espaço > (tempo) > texto, configurando-se uma evolução a caminho da abstratização. No *Corpus* esse processo se deu majoritariamente no campo da fala, mas como foi mostrado está também na modalidade escrita do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como dialogos com as análises referidas ao longo do resumo.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. S. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2009.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revista e ampliada. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- CUNHA & CINTRA, L. F. L.. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Corpus Discurso & gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRRN, 1998
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA- HERNANDES, Maria Célia; CASSEB - GALVÃO, Vânia Cristina (org.) **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.
- LIMA, C. H. da R.. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- MARTELOTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. vol. 1. São Paulo: Cortez, 2011. p. 91-123.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- VIDAL, R.M.B.; FIGUEIREDO, F.C.; NETA, A. A. F. *Uso do item agora na fala e escrita da cidade do Natal*. Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino (ECLAE), 5.2015. Garanhuns/PE. Anais.